

***Points e babados: reflexões sobre o estabelecimento de um território de sociabilidades homoeróticas no centro histórico de Florianópolis, SC, entre as décadas de 1970 e 1980***

Carlos Eduardo Henning, UNICAMP  
[otipodoguri@gmail.com](mailto:otipodoguri@gmail.com)

Este paper é uma adaptação de parte de meu trabalho de conclusão do curso de Geografia (Henning, 2005)<sup>1</sup> e foi minha primeira pesquisa envolvendo o entrecruzamento das temáticas do homoerotismo<sup>2</sup>, das sociabilidades e dos bares e boates GLS<sup>3</sup>, a qual é apresentada em um encontro acadêmico pela primeira vez. Minhas pesquisas prosseguindo nessa temática, se desenvolveram no mestrado com minha dissertação (Henning, 2008)<sup>4</sup> e atualmente no doutorado<sup>5</sup>.

Algo que creio ser importante afirmar de antemão, é que minhas pesquisas procuraram dialogar com o profícuo campo de estudos que articula homoerotismo, sexualidade e gênero que se desenvolveu nas últimas décadas, em especial no âmbito da UFSC. Luiz Fernando Córdova (2006) afirma, por exemplo, que até o momento da escritura de sua tese, havia 21 dissertações de mestrado

---

<sup>1</sup> HENNING, C. E. **POINTS & BABADOS**: Estudo sobre o estabelecimento de um território de sociabilidades homossexuais no centro histórico de Florianópolis entre os anos de 1970 e 2005. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia, UDESC, Florianópolis, 2005.

<sup>2</sup> Opto por trabalhar com a categoria homoerotismo (ao invés de homossexualidade ou do já extremamente criticado por seu caráter patológico, “homossexualismo”) embasado em Jurandir Freire Costa (1992), também por considerá-la uma categoria mais ampla para abarcar as múltiplas manifestações e facetas das relações e práticas eróticas, afetivas e sexuais entre pessoas “do mesmo sexo” sem correr tantos riscos de essencialismos. [COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício – estudos sobre o Homoerotismo**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992]. É importante ressaltar que segundo Laqueur (2001) e Butler (2003) a própria noção de “sexo” é histórica e socialmente construída. [LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001. BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003].

<sup>3</sup> Segundo Marco Aurélio Silva (2003), “a sigla GLS é uma tradução (não literal) da mesma sigla que, nos Estados Unidos, refere-se a *Gays and Lesbian Society* (GUIA DA PARADA, 2002:4-10). No Brasil, o ‘S’ foi traduzido por “simpatizantes”, sem uma explicação formal. Politicamente, essa sigla tem sido transformada”. Ao falar sobre o movimento social utilizo uma das siglas atualmente mais utilizadas por seus ativistas: LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Entretanto quando cito bares e boates, utilizo a sigla GLS, uma vez que é atualmente a mais associada a tais estabelecimentos. Também utilizarei a expressão cena GLS para me referir aos contextos espaciais em sentido mais geral (tanto bares e boates quanto espaços públicos pesquisados). Quanto aos bares e boates pioneiros (os primeiros conhecidos localmente como voltados às sociabilidades homoeróticas), os entrevistados muitas vezes os chamavam de bares ou boates GLS, porém a própria sigla, GLS, à época do funcionamento desses estabelecimentos, sequer existia. Outras denominações para tais locais muito provavelmente eram utilizadas na época, porém não as encontrei através das entrevistas ou de pesquisa bibliográfica. [SILVA, Marco Aurélio. **Se manque! Uma Etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina**. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis].

<sup>4</sup> HENNING, C. E. **As Diferenças na Diferença**: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis. 2008.

<sup>5</sup> Em minha graduação fui orientado pelo Prof. Francisco Canella, na FAED/UDESC. Em meu mestrado, já no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC fui orientado pela Profa. Dra. Sonia Weidner Maluf. Atualmente, no doutorado pelo PPGAS/UNICAMP, sou orientado pela Profa. Dra. Guita Grin Debert e estou reformulando meu projeto de tese.

em diversos programas de pós-graduação dessa instituição que se vinculavam, de diversas formas e enfoques, a este campo de estudos<sup>6</sup>.

A pesquisa que aqui apresento se desenvolveu no segundo semestre de 2005, utilizando-se, além da pesquisa bibliográfica, de entrevistas semi-estruturadas com diversos sujeitos, de distintas gerações, classes sociais e procedências, que vivenciaram o período abordado. Foram cinco entrevistas gravadas (feitas em minha casa ou em locais reservados escolhidos pelos interlocutores) e dezenas de conversas informais, anotadas em cadernetas de campo, muitas vezes feitas nos contextos de sociabilidades de alguns bares e boates GLS do centro de Florianópolis, SC. Embora minha monografia tenha pesquisado o período compreendido entre os anos de 1970 e 2005, neste *paper* eu recorto e apresento as análises pertinentes às décadas de 70 e 80 e relativas a um dos primeiros bares de sociabilidade homoerótica na cidade, segundo os relatos em entrevistas, para trazer as interpretações das interpretações locais sobre a experiência da vivência de relações homoeróticas e/ou homoafetivas de homens e de mulheres, durante o período final da ditadura militar vigente no Brasil, após o golpe de 1964.

### **Vivendo na Cidade Grande**

Para abordar o contexto das casas noturnas que durante as décadas de 70 e 80 viriam a ser socialmente vistas como propícias às sociabilidades homoeróticas (e atualmente alcunhadas, no Brasil, pela sigla GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes), creio que é necessário contextualizar o processo de deslocamento que inúmeros sujeitos encetavam, de suas cidades de origem, para vivenciarem suas sexualidades e vidas em cidades maiores, muitas vezes as capitais de seus respectivos estados.

Didier Eribon (2008) pergunta-se, no contexto de caça às bruxas estadunidense (o macarthismo dos anos 50), o que poderia ser feito por uma pessoa marcada pela “infâmia” nas cidades pequenas e do interior? A seguir, como resposta, o autor afirma que já no início do século XIX, grandes cidades como as capitais Nova York, Paris e Berlim atraíam ondas de “refugiados” do interior dos respectivos países, para tentar “se premunir contra um meio hostil, apesar das extremas dificuldades para organizar um ‘meio’ gay (ou lésbico) nesta época e da repressão incansável e implacável que atingia os bares e outros lugares de sociabilidade” (ERIBON, 2008: 32)<sup>7</sup>.

Esse processo de migração de pessoas para cidades grandes criaria uma “mitologia da

---

<sup>6</sup> CORDOVA, Luiz F. N. **Trajetórias de Homossexuais na Ilha de Santa Catarina**: temporalidades e espaços. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado. UFSC. 2006.

<sup>7</sup> ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a Questão Gay**. Rio de Janeiro, Companhia de Freud. 2008.

cidade e da capital” que coexistiria com uma “mitologia mais geral da viagem e do exílio”, o que demonstraria a existência histórica (e ainda vigente) de uma “fantasmagoria do ‘outro lugar’ para gays e lésbicas”<sup>8</sup>, um ‘outro lugar’ que ofereceria a possibilidade de realizar aspirações que tantas razões pareciam tornar impossíveis, impensáveis, em seu próprio país [ou cidade]” (ERIBON, 2008: 32-33). Dessa forma, o autor demonstra que a “homossexualidade tem ligação com a cidade”, o que evidentemente não significaria que “vida gay” não exista nas cidades pequenas ou no campo. Sair das cidades pequenas, assim, significava não apenas uma visão de possibilidades erótico-afetivas qualitativamente expandidas, mas também, e principalmente, uma visão ansiada de subjetivação, uma chance de expansão do campo de possibilidades sociais encontrados no interior e nas cidades menores, onde o controle familiar e a ausência do anonimato conseguiam limitar e conter.

A cidade enfocada nesse estudo, Florianópolis, também poderia fazer parte, para muitas pessoas nas últimas décadas, dessa “mitologia da cidade”, onde seria possível ter um campo de possibilidades ampliado de vivência de experiências marcadas pelo homoerotismo, quando comparado a cidades menores, do interior. Essa afirmação, é claro, não presume que esse processo de vivência da sexualidade tenha sido necessariamente “fácil” e não permeado por profundos conflitos e dificuldades entre distintos atores sociais, questões que mais adiante abordarei.

Como capital, a cidade de Florianópolis possuiu no carnaval, ainda na primeira metade do século XX, um importante impulsionador para a formação de sociabilidades homoeróticas e de espaços, públicos ou privados, propícios para o seu estabelecimento. Marco Aurélio Silva (2003), por exemplo, nos mostra que ao menos desde a década de 1950, a capital de Santa Catarina era vista como uma referência de carnaval de rua no sul do país, sendo que o surgimento dos blocos de sujos na cidade (homens vestidos com roupas femininas de maneira caricatural) já é percebido a partir da década de 1930 e ganharia expressividade após a Segunda Guerra Mundial. Os dias de carnaval nessa década traziam à capital milhares de turistas de várias cidades do sul do país, grande parte delas, pequenas e do interior, sendo uma das maiores e principais manifestações festivas da região. Silva (2003: 39) afirma que o golpe de estado na década seguinte, inaugurando um novo período de ditadura militar teria refreado o ímpeto efervescente do carnaval florianopolitano por alguns anos,

---

<sup>8</sup> É importante ressaltar que o uso das categorias “gays” e “lésbicas” precisa ser socialmente contextualizado e historicizado, uma vez que não se tratam de categorias transculturais e fora da história e da dinâmica da cultura. O terreno da nomenclatura e da categorização é um terreno sempre delicado, em especial no campo de estudos sobre homoerotismo. As categorias “gay” e “lésbica”, entre inúmeras outras (“viado”, “sapatão”, “entendido”, etc.) foram abordadas já no primeiro estudo conhecido desse campo em Florianópolis (ERDMANN, 1981) e procuro usá-las de maneira não ostensiva, uma vez que não são todos os sujeitos que ao vivenciar relações erótico-afetivas com pessoas do mesmo sexo se reconhecem nelas ou as utilizam. Dessa forma, quero explicitar que essas categorias não têm sentido universal. [ERDMANN, Regina Maria. **Reis e Rainhas no Desterro** - um estudo de caso. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFSC, Florianópolis].

provocando um controle mais rígido e limitando a autorização à festa a algumas poucas escolas de samba e associações carnavalescas. Segundo o autor (Silva, 2003: 42) “foi através de momentos como o carnaval que surgiram os primeiros lampejos para a visibilidade de um ‘mundo homossexual’ na Ilha de Santa Catarina”.

Dessa forma, no contexto do estado de Santa Catarina, Florianópolis era um ponto privilegiado, como capital e “cidade grande” para os padrões da época, podendo ser vista (principalmente para aqueles homens e mulheres com anseios de relações erótico-afetivas com pessoas do mesmo sexo que vinham de cidades menores todos os anos para o carnaval na Ilha) como uma alternativa socialmente menos sufocante do que seus contextos de origem. Obtive diversos relatos de homens e mulheres (na faixa dos 60 anos de idade) durante minhas pesquisas de campo, acerca da centralidade, para o incipiente “mundo homoerótico” local das décadas de 1970 e 1980, do carnaval (Henning, 2005).

Algo digno de nota para demonstrar a importância simbólica do carnaval na Ilha para os sujeitos que abordo é a análise da maior concentração de “bares e boates GLS” no centro de Florianópolis, a qual tendeu a se circunscrever às imediações: da *Avenida Hercílio Luz* (berço do famoso “carnaval gay” do Roma, reconhecido como tal já a partir da década de 1970<sup>9</sup>); aos arredores da *Praça XV de Novembro* (espaço histórico dos desfiles tanto das escolas de samba quanto dos blocos carnavalescos, estes últimos presentes até os carnavais contemporâneos); e à região da *Rua Felipe Schmidt*. A reunião dessas três áreas, marca pela concentração das casas noturnas voltadas a homens e mulheres interessados em sociabilidades homoeróticas, uma área *cuore*, aquela a qual é possível intitular, metaforicamente, de “coração do território GLS” no centro de Florianópolis ao longo da segunda metade do século XX (HENNING, 2005, 2008).

Sendo assim, o carnaval auxiliou não apenas a impulsionar o conhecimento da capital do Estado por pessoas de cidades menores e do interior como o objeto focalizado pela “mitologia da cidade e da capital” de que nos fala Eribon (2008), mas também a formar e estabelecer as casas noturnas que viriam ser apropriadas e ressignificadas por determinados sujeitos de forma a se tornarem o que atualmente se convencionou chamar de bares e boates GLS.

---

<sup>9</sup> Consultar o trabalho de Silva (2003). O carnaval do Roma se estabelece na Avenida Hercílio Luz, no centro de Florianópolis, e há décadas é notório por ser considerado o 2º maior carnaval gay do Brasil – perdendo apenas para o do Rio de Janeiro - atraindo milhares de turistas para a cidade. Seu nome provém de um antigo bar, desativado em 2001, localizado em uma esquina da avenida, e que reunia pessoas *do babado*, assim como intelectuais, artistas, boêmios, etc. Desde os anos 90 o carnaval do Roma tornou-se institucionalizado com produção da prefeitura municipal da cidade. Nos últimos anos – sinal da institucionalização e visibilidade angariada pelo evento - os prefeitos sempre estiveram presentes no Pop Gay, concurso de beleza que se realiza todos os anos elegendo uma participante *drag queen* e uma travesti.

### Narrativas de Tomada das Casas Noturnas, Bares Pioneiros e as Forças Estatais

Miriam Adelman (2000:167)<sup>10</sup>, abordando o florescimento do movimento homossexual nos EUA nos anos 1960, pontua a relevância dos espaços de sociabilidades para o desenvolvimento de uma noção de pertencimento identitário quanto à sexualidade. A autora, assim como Eribon (2008), afirma que as grandes cidades propiciaram as condições para o estabelecimento de espaços de convivência onde pessoas com interesse erótico-afetivo em outras do mesmo sexo podiam se conhecer e começar a construir uma identidade. Segundo ela, a vida social nos bares GLS, nos Estados Unidos, foi crucial para a manutenção do que chama de “subcultura gay”, uma vez que o bar era “o único espaço público de encontro para mulheres e homens homossexuais e de alguns grupos políticos, assim como jornais e revistas produzidos dentro e para a comunidade gay, de circulação local e nacional” (Adelman, 2000:168). É possível fazer um paralelo em termos da relevância dos bares e boates GLS nos Estados Unidos para o estabelecimento de novas visões de identidade sexual também com o contexto brasileiro, uma vez que inúmeras pessoas mantinham (e mantêm) sua orientação sexual oculta ou difusa, só expressando publicamente seus anseios, desejos e afetos homoeróticos no âmbito destes espaços (das casas noturnas). Muito deste receio de publicizar a orientação sexual se deve, entre outras questões, ao medo de represálias e aos vários tipos de violências homofóbicas.

No contexto de florescimento dos “bares pioneiros” em Florianópolis, uma característica constante para esse surgimento era a dinâmica da apropriação social das casas noturnas pelos gays e lésbicas nas décadas de 1970 e 1980. As narrativas recorrentes dos entrevistados sobre essa dinâmica demonstram uma espécie de orgulho na “tomada” das casas noturnas, antes com frequentadores majoritariamente “héteros”. Durante a década de 70 e a primeira metade da década de 80, praticamente nenhuma casa noturna foi aberta previamente planejada para o público GLS, sendo que os relatos mais recorrentes demonstram que o surgimento de casas noturnas homoeróticas foi um processo complexo de tomada, de conquista e apropriação de espaço, muitas vezes conflituoso<sup>11</sup>. Em uma conversa com Pedro (nome fictício, 63 anos, funcionário público aposentado), este me afirmou ter frequentado um bar chamado “Escova”, no início da década 1970, o qual começou a reunir muitos gays e lésbicas:

---

<sup>10</sup> ADELMAN, Miriam. Paradoxos da Identidade: a política de orientação sexual no século XX. In: **Revista de Sociologia e Política**, n.14, 2000, pp. 163-171.

<sup>11</sup> Como também demonstram Perucchi (2001) e Silva (2003), etc. [PERUCCHI, Juliana. **Eu, tu, elas**: investigando os sentidos que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que elas estabelecem em um gueto GLS de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis. 2001].

Uma coisa daquela época, é que quando as casas [noturnas] agradavam a gente, a gente ia espalhando pros amigos, dizendo que lá dava para ficar à vontade, dava pra trocar carinhos e falar o que quisesse, dava pra paquerar que o dono [do bar] não ia aporrinhar. Daí, aos poucos o pessoal que não era *do babado* [do meio GLS] ia percebendo que o lugar não era pra eles, que podia ficar feio pra eles freqüentarem, podiam falar mal deles, e iam se afastando e deixando a casa pra gente. Muitas vezes os donos das casas não gostavam, mas já não tinha jeito, porque se não aceitassem a gente, a casa fechava, até porque já tava [mal] falada e o público antigo não voltava mais. O primeiro que eu lembro foi o Escova.

É interessante perceber que esse relato não demonstra uma submissão plácida e vitimizada frente à identidade estigmatizada, mas um uso complexo, atuante e tático do estigma, o qual foi manuseado de maneira contextual e contingente como instrumento para afastar os antigos freqüentadores “heterossexuais”.

O *Escova*, segundo alguns entrevistados, abriu por volta de 1972 e se localizava ao lado da catedral católica metropolitana, atrás do atual Banco do Brasil, próximo à Praça XV de Novembro. É produtivo deter a análise neste bar, uma vez que ele carrega em sua experiência, exemplos comuns a outros bares das décadas de 70 e 80, especialmente quanto à relação das casas noturnas GLS com forças estatais repressivas. A escolha deste bar, que segundo os relatos de meus entrevistados, teria sido um dos primeiros bares reconhecidamente “gays” da cidade, assim como suas mudanças de endereço e de nome, se deve também às limitações do espaço descritivo próprias de um *paper*, muito embora, em minha monografia tenham sido analisadas cerca de dez casas noturnas no período compreendido pelas duas décadas.

Inicialmente o bar não fora programado para ser destino de um público de “gays e lésbicas”, era voltado àquilo que atualmente conhecemos por espaços de *happy hour*<sup>12</sup>. Porém parte do público gay que circulava em deriva à procura por companheiros para *pegação*<sup>13</sup> pela Praça XV de Novembro, as ruelas circundantes, os cinemas da região e o próprio aterro da beira-mar sul, à época em construção, tendiam a se encontrar nesse espaço para conversar. É importante ressaltar que as informações sobre as sociabilidades nos espaços pesquisados (e sobre as próprias casas noturnas, datas, nomes, etc.) são baseadas em entrevistas e são perpassadas por questões centrais, como a memória, a qual tem suas potencialidades e suas limitações. Sendo assim, faz-se necessário chamar atenção para o fato de nem todas as pessoas que freqüentavam o bar Escova, necessariamente, estavam envolvidas no processo de *pegação*.

Claudio (66 anos, professor aposentado) outro de meus interlocutores, freqüentador

---

<sup>12</sup> Bares voltados à reunião de pessoas para consumo de bebidas e comidas geralmente no período posterior ao horário de trabalho.

<sup>13</sup> Categoria local que denota encontros erótico-sexuais geralmente fortuitos e fugazes em ambientes públicos ou privados.

assíduo do Escova disse que “tinha um horário certo pra chegar e assim se podia dançar e se beijar, pois daí a rua ficava vazia”. Segundo Claudio, eram comuns batidas policiais violentas, muitas vezes motivadas por denúncias pela vizinhança de que além da presença de “depravados”, ali ainda haveria brigas, tráfico de drogas, prostituição, etc. Após o *Escova* começar a ficar conhecido como um bar voltado a “homossexuais”, as batidas policiais, segundo meus entrevistados, ficaram mais freqüentes e agressivas, o que obrigaria os responsáveis pelo estabelecimento e não raro alguns dos próprios freqüentadores, a pagar propinas para não serem presos, expostos publicamente, agredidos ou humilhados (o pagamento de propina à polícia é algo corriqueiro, segundo entrevistas com alguns donos, gerentes e *promoters* de casas noturnas GLS, ainda atualmente). Claudio ainda ressaltou que apesar da repressão contínua – alguns conseguiam fugir, outros apanhavam, muitas vezes eram presos - aqueles homens e mulheres interessados em viver seus desejos, seus anseios e suas vidas, tendiam a voltar a se encontrar no *Escova*, arriscando-se e vencendo o medo, o que demonstra que a consolidação dos espaços homoeróticos em Florianópolis, em especial nas décadas de 70 e 80, foi marcada por um processo específico e expressivo de resistência social e política.

Por volta de 1979, o *Escova* mudou-se para a Rua Fernando Machado, esquina com a Rua Saldanha Marinho e no início da década de 80, permanecendo no mesmo endereço e com o mesmo público, o bar mudou seu nome para “Brasileirinho”. Posteriormente, neste mesmo endereço funcionou um bar chamado “Masmorra”, igualmente voltado para o público homossexual. Embora as dinâmicas sociais prescritivas (frente ao que é possível ser feito e o que não é) tenham se alterado sensivelmente no decorrer dessa década e de meados da década seguinte, as dificuldades e a relação dos bares e seus frequentadores com as forças estatais permaneceu conflituosa e repressiva.

Um parêntesis importante a ser abordado aqui, é que historicamente os bares e boates GLS de Florianópolis nunca tiveram um caráter restritivo a pessoas “de fora” como ocorria nos chamados “ghettos gays” dos Estados Unidos e Inglaterra<sup>14</sup>. Aliás, essa característica distintiva mais aberta em comparação aos “ghettos” seria uma característica, em termos gerais, dos espaços de sociabilidade homoerótica no Brasil, comumente mais abertos a outras figuras ligadas, por exemplo, à intelectualidade envolvida com a contracultura, a artistas, boêmios, etc. não necessariamente “homossexuais”. Silva (2003) propõe, por exemplo, que talvez devêssemos considerar esses contextos sociais (devido, entre outras questões, a sua tolerância em relação a inúmeros frequentadores “inesperados”) como um “*ethos GLS*”.

Apesar de todas as dificuldades que gays e lésbicas encontravam ao disputarem com

---

<sup>14</sup> Ver a discussão crítica levantada por Perlongher (1987) sobre a noção de *ghetto gay* aplicada ao Brasil.[PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, pp. 40-66].

outros sujeitos as suas dinâmicas de sociabilidade no processo de apropriação simbólica dos bares pioneiros, havia outra questão, esta considerada positivamente, bastante presente nos discursos destes homens e mulheres. Chamo esses discursos de “narrativas de comunhão”, as quais afirmam que nas décadas de 70 e 80 os gays e lésbicas que freqüentavam bares e boates GLS tendiam a ser mais fraternais e mutuamente respeitosos com determinadas diferenças (em relação à classe social, à geração, às relações de gênero, às corporalidades, etc.), o que se explicaria, através dessas narrativas, devido, entre outras questões, à necessidade mais premente de resistirem conjuntamente às investidas repressivas das forças estatais do período. Os interlocutores que aparecem neste trabalho entre outros com os quais tive contato durante minha pesquisa de campo no mestrado e que também viveram nesse período inicial das casas noturnas, tendem a afirmar que na contemporaneidade (devido a um contexto social em que, segundo eles, solidariedade e fraternidade não seriam questões tão indispensáveis quanto teriam sido em décadas passadas) com um desenvolvimento mais expandido das casas noturnas GLS e de outros estabelecimentos voltados ao *mercado cor-de-rosa*<sup>15</sup>, assim como um campo de possibilidades mais expandido, as pessoas freqüentadores da cena GLS seriam, em termos gerais mais preconceituosas para com gays e lésbicas mais velhos<sup>16</sup>, com aqueles mais gordos ou magros demais, os mais pobres ou os não-brancos (negros, de origem indígena, etc.).

Sendo assim, essas “narrativas de comunhão”, e é importante sublinhar um provável teor mítico nelas contido, apresentariam também uma visão dos sujeitos mais velhos com quem convivi e entrevistei frente a diferenças geracionais de vivências das sociabilidades entre o contexto dos bares e boates pioneiros nos anos 70 e 80 e o período das casas noturnas contemporâneas. Voltando ao teor mítico dessas narrativas, Córdova (2006), por exemplo, mostra que homens e mulheres na mesma faixa etária dos meus entrevistados, afirmam que quando jovens, no contexto da cena GLS, eles mesmos discriminavam gays e lésbicas mais velhos e que atualmente sofrem o mesmo processo de discriminação devido à questão geracional, o que talvez contestaria certa visão romântica dessas narrativas.

Dessa forma, não entrando no mérito da questão da veracidade “de fato” dessas narrativas (não é disso, creio, que se trata a análise etnográfica), é relevante perceber o papel simbólico que elas cumprem, fazendo parte de maneira saliente da visão histórica dos próprios sujeitos analisados

---

<sup>15</sup> Quanto ao mercado cor-de-rosa, consultar: RESENDE, Mário Ferreira. **O dinheiro cor-de-rosa**: um estudo crítico sobre o mercado homossexual. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis. 2003. FRANÇA, Isadora Lins. **CERCAS E PONTES**: o movimento GLBT e o Mercado GLS na Cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UNICAMP, Campinas. 2006.

<sup>16</sup> Ver Córdova (2006), cuja tese também analisa essa questão.

frente às dificuldades e desafios passados pelas gerações mais velhas frente ao processo de estabelecimento e formação de territorialidades e espaços de sociabilidade GLS em um contexto social e histórico de repressão estatal exacerbada.

Sendo assim, algo que gostaria também de aqui retratar é a maneira como os relatos sobre as sociabilidades homoeróticas vão se desenvolvendo no contexto das décadas seguintes no centro histórico de Florianópolis. Em nenhum momento as formas repressivas (estatais ou não) cessaram. Elas aparentemente mudaram de forma e intensidade, sendo que nos anos 70 e 80 afora todo o processo mais amplo de discriminação social, havia um fator contextual mais expressivo na repressão aos estabelecimentos homoeróticos e suas sociabilidades, as forças policiais em um período de ditadura. Segundo os relatos, nas duas décadas seguintes, embora continuassem existindo batidas policiais nas casas noturnas (e em alguns casos ainda violentas) elas teriam, ao menos, diminuído quantitativamente. Sendo que o contexto de emergência social e de grande visibilidade angariado através das Paradas da Diversidade, assim como de alguns contextos midiáticos (nesse caso de maneira bastante contraditória e nem sempre positiva) e do mercado cor-de-rosa teriam auxiliado a mudar, entre inúmeras outras questões e ainda que parcialmente, esse caráter (Henning, 2005).

### **Considerações Finais**

Por fim, este trabalho, através da análise de entrevistas que abordavam os bares e boates GLS no centro histórico de Florianópolis, SC, entre as décadas de 1970 e 1980 procurou, apresentando sucintamente uma interpretação dos relatos sobre um dos primeiros bares, debater: o contexto de ida de gays e lésbicas para a cidade grande, os processos de apropriação social do espaço nas casas noturnas (a tomada das casas noturnas, antes, dos “héteros”), as relações sociais e políticas de resistência dos bares e de seus frequentadores quanto às forças estatais em seu caráter altamente repressivo e por fim, trazer à tona os “relatos de comunhão” de gays e lésbicas mais velhos frente a uma visão de décadas passadas como mais solidárias e fraternais em contraposição a uma contemporaneidade mais hostil, mais intolerante e mais propensa à desqualificação social das diferenças (Córdova, 2006) frente a marcadores como geração, raça/cor da pele, classe social, gênero e corporalidades (Henning, 2008).